

Apresentação Dossiê: Memórias entrelaçadas: reflexões sobre memória e identidade na literatura lusófona

Susana L. M. Antunes* 

Maria da Conceição Oliveira Guimarães** 

Há um fio que cose o tempo. Não o fio cronológico dos calendários, mas um “fio de linho da palavra”, para citar a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, e também de sangue e de esquecimento, que as literaturas de língua portuguesa não se cansam de fiar e desfilar, como uma Penélope coletiva que tece, à noite, o sudário dos impérios e desmancha, ao amanhecer, a ilusão de uma identidade una. É desse fio que se ocupa este número, cujo título — “Memórias entrelaçadas: reflexões sobre memória e identidade na literatura lusófona” — já é um mapa do labirinto que nos convida a percorrê-lo.

A memória, como já nos ensinaram Maurice Halbwachs e Paul Ricoeur, não é um depósito inerte de lembranças, mas um território em litígio, uma arquitetura socialmente moldada, um trabalho de luta e de construção. O que recordamos é indissociável dos quadros coletivos que nos emolduram e das narrativas com que aprendemos a dar sentido ao que fomos e ao que somos. A literatura lusófona, em sua geografia dispersa por continentes e oceanos, constitui um observatório privilegiado desse trabalho da memória: nela, as heranças coloniais, as migrações forçadas, as ditaduras, as revoluções e as diásporas não figuram como mero pano de fundo, mas como a própria matéria de que são feitas as vozes narrativas aqui analisadas.

Abrimos este volume com oito estudos que, dispostos numa sequência que obedece mais a uma escuta atenta das ressonâncias internas do que a qualquer hierarquia prévia, parecem compor uma melodia em espiral. O movimento parte de Portugal, atravessa os arquivos censórios do Estado Novo, faz escala na África pós-colonial, prolonga-se nas diásporas e regressa, por fim, ao corpo e à música como lugares de uma identidade hifenizada.

José Fornos revisita *Os Memoráveis*, de Lídia Jorge, e interroga o testemunho como fonte de uma memória que é, ao mesmo tempo, resgate e risco. A Revolução dos Cravos não é aqui um monumento,

* Doutorada pela University of Massachusetts Amherst (UMass Amherst), Amherst, Massachusetts, Estados Unidos. Professora Assistente e Coordenadora do Programa de Português na University of Wisconsin-Milwaukee (UWM), Milwaukee, Wisconsin, Estados Unidos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2681-2173>. E-mail: sunes.antunes@gmail.com

** Pós-doutorada em Literatura Estrangeira Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), Coimbra, Portugal. Doutorada em Letras em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Pesquisadora no Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL-FLUL), Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9715-7554>. E-mail: mcoguimaraes@gmail.com

mas um caleidoscópio de versões que põem em cena os usos e abusos da recordação. É na fenda entre o vivido e o narrado que a literatura revela a sua potência de verdade — uma verdade que não se confunde com a exatidão dos fatos, mas com a densidade do sentido.

Essa mesma fenda alarga-se no artigo de Marta Ribeiro, “Theatre and counter-memory: identity and resistance in the censorship archives of the Estado Novo”, que recorre ao arquivo da censura teatral para mostrar como o regime salazarista não apenas proibia o que se podia dizer, mas também controlava o que se podia lembrar. A identidade nacional desejada pelo Estado Novo era uma superfície lisa; o teatro censurado, ao trazer à cena as memórias incômodas da guerra colonial e da desigualdade social, reintroduzia nessa superfície a rugosidade do real.

Jeferson Rodrigues dos Santos propõe, a partir de *Sua Excelência, de Corpo Presente*, de Pepetela, desenvolver o conceito de “perspectiva afro-fabulada”. O narrador-ditador, que nos fala do limiar da morte, inaugura uma voz cindida entre o eu pós-colonial crítico e o eu colonial autoritário, expondo aquilo a que o autor chama, com felicidade crítica, de “narrador pós-colonial-colonial”. A fabulação é, aqui, política da memória: disputa o legado do passado para que o futuro não seja a sua mera repetição deste.

Susana Pimenta transporta-nos para a diáspora portuguesa por meio de *O Herdeiro*, de Michael Gouveia, e encena uma “pátria imaginada” que se condensa no neologismo “Pourtugal”. A análise revela como a identidade lusodescendente se constrói entre a herança dos rituais (a padaria, a igreja, a casa familiar) e o sentimento de impostura de quem herdou um sacrifício que não viveu. O conceito de pós-memória, extraído de Marianne Hirsch, ilumina essa negociação contínua entre o peso da fidelidade e a leveza da reinvenção em seu oportuno artigo, “‘Pourtugal’, pátria imaginada: pós-memória e reconstrução identitária na diáspora portuguesa na obra de Michael Gouveia”.

Essa negociação adquire contornos de resistência ancestral no trabalho de Claudia Luiza Caimi, “Memória e identidade em *Metade cara, metade máscara*”, sobre o livro, *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara. A memória indígena aqui não é apenas o resgate do que foi silenciado, mas também uma utopia de justiça. O que Caimi afirma neste artigo é que a literatura de Potiguara reata o vínculo entre identidade e ancestralidade, fazendo-o por meio de uma voz feminina que transforma a experiência da violência colonial em um discurso de cura e de futuro.

Raquel Abi-Sâmara e Chen Keyi voltam-se para a poética de Fernanda Dias, *Yi Jing (Livro das Mutações)* e o *Àomén Jilüè (Monografia de Macau)*. O artigo “Macau e a China na poesia de Fernanda Dias: memórias enre(n)dadas” opera o “enrendamento”, — sugerido no trocadilho feliz do título — por meio da releitura de textos canônicos, como o *Yi Jing* e o poema *Guo Lingdingyang*, de Wen Tianxiang. Segundo Abi-Sâmara e Kevi, a poesia de Dias torna-se, assim, um lugar de memória onde o apagamento provocado pela modernização acelerada é contrariado por uma escavação na profundidade da cultura antiga.

Mayara de Andrade Calqui debruça-se sobre *Bambino a Roma*, de Chico Buarque, e propõe-nos, em “O passado em construção: a memória como matéria literária em *Bambino a Roma*”, uma leitura

em que a memória aparece como matéria literária e como elaboração psicanalítica. As lembranças sensoriais e afetivas que percorrem o romance mostram como o texto literário não restaura o passado, mas antes o (re)cria, revelando a natureza ficcional da própria memória.

Fecha este arco — abrindo-o, verdadeiramente, para uma nova dobra — o ensaio, “Da identidade diaspórica em Orlanda Amarílis: música e dança entre ‘lá’ e ‘cá’”, de Wen Yang e Ana Paula Coutinho, sobre a obra de Orlanda Amarílis. A música e a dança, nos contos “Rodrigo” e “Thonon-les-Bains”, são dispositivos de memória cultural que, ao serem performatizados na diáspora, tornam a identidade cabo-verdiana um território móvel, híbrido e transnacional. O corpo que dança é um arquivo em movimento, e o gesto que bate o pé no chão da terra de acolhimento é a repetição diferida de um gesto ancestral.

A essas leituras, que se inscrevem diretamente no eixo temático da memória, somam-se cinco contribuições que, embora ancoradas em problemáticas distintas, dialogam subterraneamente entre si. Jose Paulo Pereira lê os sonhos de Kindzu em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, estabelecendo, por meio de Freud e Derrida, uma ponte entre o sonho como trabalho psíquico e a escrita como travessia. Luis Carlos Alves de Melo expõe a poética do trauma e da resistência na obra de Tony Tcheka, especialmente em *Desesperança no Chão de Medo e Dor*, mostrando como a poesia guineense recente transforma o medo em narrativa identitária. Selma Capinan promove um diálogo entre *Os Condenados da Terra e Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, e *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak, para repensar o conceito de humanidade para além da racionalidade ocidental. Victor Rafael Aguiar Fontenele e coautores analisam a formação identitária da protagonista Mila no livro *Esse cabelo* de Djaimilia Pereira de Almeida, evidenciando as três fases que conduzem a personagem rumo a uma identidade transcultural, no artigo “Mila em três fases: a construção de uma identidade cultural sob contexto diaspórico em *Esse cabelo* de Djaimilia Pereira de Almeida”. Por fim, o estudo de A. Pavithra e V. Subathra Devi, centrado em Mario Petrucci e Margaret Atwood, amplia a nossa atenção para as paisagens aquáticas sob ameaça, lembrando-nos que a ecologia é também uma urgência do presente, no admirável artigo, “Waterscapes under threat: a comparative study on environmental concerns in the select poems of Mario Petrucci and Margaret Atwood”.

O leitor que percorrer estas páginas encontrará, em cada artigo, um fio de Ariadne tecido com instrumentos teóricos rigorosos — Halbwachs, Ricoeur, Nora, Le Goff, Hirsch, entre outros pensadores da memória — e animado pela convicção de que a literatura não é apenas um objeto de análise, mas uma forma de conhecimento. A memória, nesta revista, não é celebrada como um relicário nostálgico; é interrogada como campo de batalha simbólico onde se joga a possibilidade de imaginarmos, juntos, futuros mais porosos e identidades menos violentas.

Que estes estudos sejam, pois, um convite para percorrer o labirinto de olhos abertos, sem jamais perder o fio que une literatura e memória.

Os editores